

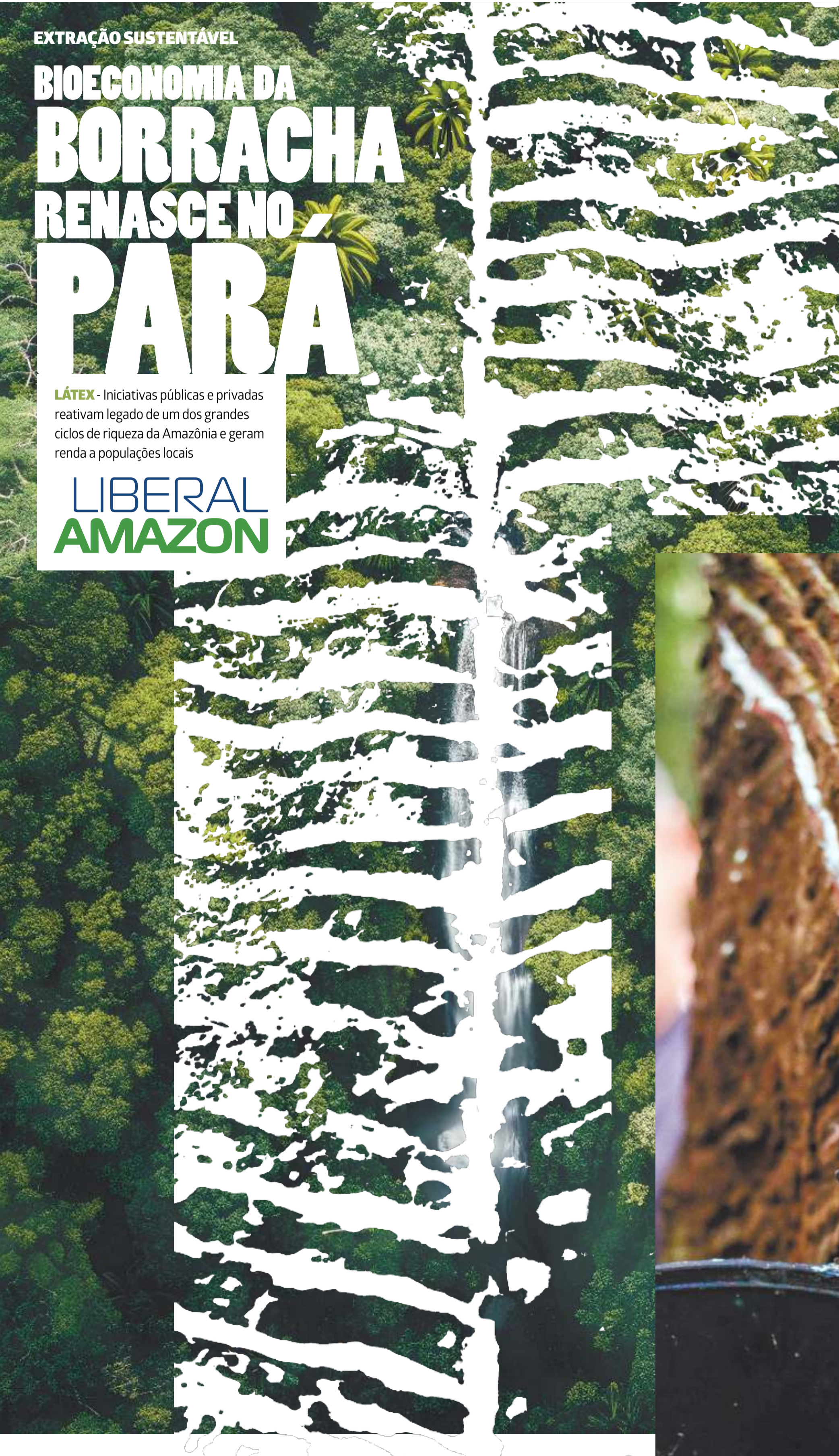
EXTRAÇÃO SUSTENTÁVEL

BIOECONOMIA DA BORRACHA RENASCE NO PARA

LÁTEX - Iniciativas públicas e privadas reativam legado de um dos grandes ciclos de riqueza da Amazônia e geram renda a populações locais

LIBERAL
AMAZON

IMAGEMIA / FREEPIK



Cobertura
COP30
OLIBERAL

LIDYANE ALBIM
Especial para
O Liberal

Edo coração da Floresta Amazônica que o seringueiro Valcir Rodrigues, de 50 anos, extrai o sustento da família e guarda boas lembranças de uma infância às margens do igarapé Caju, no rio Alto Anajás, município de Anajás, na ilha do Marajó (PA). “Eu lembro que a minha mãe levava eu e os meus irmãos para a beira do roçado para deitar na rede,

enquanto ela e meu pai iam coletar látex. E eu lembro com muito carinho dessa época”, conta.

Aos 8 anos ele passou a “riscar” seringueiras para ajudar os pais e se manteve no ofício desde então, uma realidade bem diferente daquela que os avós viveram em um passado não tão distante, quando as oportunidades pareciam se perder na imensidão da mata para quem extraía látex - em que os trabalhadores não tinham botas nem lanternas para o trabalho. Valcir afirma que, apesar disso, a mãe tinha o sonho de ver o extrativismo da borracha voltar, após ser interrompido durante a gestão do ex-presidente Fernando Collor de Melo (1990-1992), que marcou o fim dos incentivos públicos à produção de látex. “Era uma atividade muito boa. Foi com ela que eles criaram os filhos. E ela queria muito que voltasse”.

Diferentemente dos sonhos da família de Valcir, voltar a coletar o leite da Hevea brasiliensis não estava nos planos do Marivaldo Pereira, que mora em Portel, no Marajó. Ele foi seringueiro na adolescência: ajudou o pai com a risca das árvores por seis anos. Depois se dedicou à extração de madeira e palmito por duas décadas. Em 2022 redescobriu a alegria de usar faca e balde, ganhando bem mais e sem derrubar nenhum espécime. “Todos os seringais estão bons para trabalhar. Todo dia tem coleta, tem dinheiro e a gente está mantendo a floresta de pé”, garante o seringueiro de 49 anos.

Valcir e Marivaldo estão entre os mais de 500 extrativistas da região que fazem parte do projeto “Marajó Sustentável de Reativação dos Seringais Nativos do Marajó”, lançado há dois anos pelo governo do Estado do Pará, via Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Estado do Pará (Emater). A iniciativa oferece uma linha de crédito específica para extrativistas de quatro municípios marajoaras (Breves, Melgaço, Portel e Anajás), e capacita famílias locais para o uso múltiplo da floresta.

SEDAP

De acordo com o secretário de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), Giovanni Queiroz, o trabalho começou com uma pesquisa realizada juntamente com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que apontou a viabilidade de exploração da seringueira nativa da Amazônia no Marajó. Isso motivou o esforço de promover a capacitação de multiplicadores e o fomento da produção da borracha, desde a extração à comercialização, para atender a um mercado que hoje preza pela sustentabilidade. “Na Europa já há um movimento de várias empresas que não compram mais calçados com borracha sintética, produzidas à base de petróleo. Isso é bom, porque vamos ressuscitar uma economia da borracha em condições humanas, que dignifique os que moram na nossa região”, afirma.

Outros estados do norte do Brasil vêm apostando na retomada da extração do leite da seringueira. Em Rondônia, indígenas retomaram a cadeia da borracha em 2023 de maneira incisiva, por meio do projeto “Borracha Nativa”, realizado em parceria entre a rede Origens Brasil e a Mercur. Eles lançaram a borracha 100% látex da Amazônia, um produto que agrega valor pela marca da sustentabilidade.

Use a câmera do seu celular para acessar o conteúdo multimídia.



ESTE PROJETO É PATROCINADO POR:



🇬🇧 SUSTAINABLE EXTRACTION

Rubber bioeconomy reborn in Pará

LATEX - Public and private initiatives reactivate the legacy of one of the greatest cycles of wealth in the Amazon and generate income for locals

LIDYANE ALBIM
Special for Liberal Amazon. Translated by **MOACIR JOSÉ DE ALMEIDA MORAES FILHO**, **SILVIA BENCHIMOL** and **EWERTON BRANCO** ET-Multi/UFPA

It is from the heart of the Amazon Rainforest that rubber tapper Valcir Rodrigues, 50, earns his family's living and has fond memories of his childhood on the banks of the Caju creek, on the Alto Anajás River, running in the municipality of Anajás, Island of Marajó (PA). “I remember my mother taking me and my siblings to the edges of the field to lie in the hammock, while she and my father collected latex. And I remember that time very fondly,” he says.

When he was 8, he started to “scratch” the rubber trees to help his parents and he has kept the job ever since, a different reality from the one his grandparents had lived in a not so distant past, when opportunities seemed to be lost in the vastness of the forest for those who extracted latex - where the workers had neither boots nor flashlights for the work. Valcir says that, despite the odds, his mother had the dream of reliving rubber extraction, after its interruption during the administration of former president Fernando Collor de Melo (1990-1992), which marked the end of public incentives for latex production. “It was a very good activity. It was from it that they raised their children. And she really wanted it to come back.”

Differently from Valcir's family's dreams, returning to the collection of milk from Hevea brasiliensis was not in Marivaldo Pereira's plans, a resident of Portel, Marajó. He was a rubber tapper in his teens: he helped his father cutting down the trees for six years. Then he began extracting wood and hearts of palm for two decades. In 2022, he rediscovered the joy of using a knife and bucket, earning much more and without cutting down any specimens. “All the rubber plantations are good for working. There is harvesting every day, there is money, and we are keeping the forest standing,” says the 49-year-old rubber tapper. Valcir and Marivaldo are among the more

than 500 extractivists in the region who are part of the of Projeto Marajó Sustentável de Reativação dos Seringais Nativos do Marajó [Sustainable Marajó Project for the Reactivation of Marajó Native Rubber Plantations], launched two years ago by the government of the State of Pará, supported by the Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Estado do Pará [Technical Assistance and Extension Company of the State of Pará - Emater]. The initiative offers a specific line of credit for extractivists from four municipalities in Marajó (Breves, Melgaço, Portel and Anajás), and trains local families into the multiple use of the forest.

SEDAP

According to the Secretary of State for Agricultural and Fisheries Development (Sedap), Giovanni Queiroz, the work began with a study conducted together with the Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) [Brazilian Agricultural Research Corporation], which indicated the viability of exploiting the native Amazonian rubber tree in Marajó. This has strengthened the effort to promote the training of multipliers and the promotion of rubber production, from extraction to commercialization, to meet the needs of a market that currently values sustainability. “In Europe, there is already a movement of several companies that no longer buy footwear made with synthetic rubber, produced from petroleum. This is good, because we will revive a rubber economy under humane conditions, which dignifies those who live in our region,” he states.

Other states from the North of Brazil have been betting on the resumption of rubber tree milk extraction. In Rondônia, indigenous people took back the rubber chain in 2023 in an incisive manner, through the “Borracha Nativa” [Native Rubber] project, carried out in a partnership between the Origens Brasil network and Mercur. They launched 100% Amazon latex rubber, a product that adds value due to its sustainability brand.

UM OLHAR PARA O CENTRO DA FLORESTA

ARQUIVO PESSOAL



Francisco Samonek, dono da marca Seringô: "Por que derrubar as árvores para implantar um projeto de monocultura, se temos condições de produzir uma borracha sem nenhum investimento?"

Francisco Samonek, owner of the Seringô brand: "Why cut down trees to implement a monoculture project, if we can produce rubber without any investment?"

TECNOLOGIA

Com o tempo, ele fundou a Poloprobio, responsável pela marca Seringô, a qual se destaca com a fabricação de calçados à base de resíduos do caroço de açaí e látex nativo. Mas o grande diferencial é que a equipe do empresário desenvolveu uma tecnologia social denominada "Encauchados de vegetais da Amazônia", que foi certificada e premiada em 2007 pela Fundação Banco do Brasil, e que melhora a qualidade do látex para que possam ser produzidas peças com alto valor de mercado, aprimorando e simplificando, assim, os processos existentes de produção de borracha.

Além disso, outra técnica desenvolvida foi o processo de pré-vulcanização do látex, para que seja transformado artesanalmente no meio da floresta, sem a necessidade de energia, em uma série de produtos que podem ser comercializados diretamente pelas comunidades, especialmente as formadas por mulheres artesãs.

No Pará, a retomada do extrativismo da borracha ganhou fôlego com o trabalho de um empresário natural do interior do Paraná, na década de 1980. Francisco Samonek aterrissou em solo amazônico para desenvolver um projeto de plantio de seringueiras, em Tarauacá, no Estado do Acre. Ele conta que, na época, havia um financiamento pela rede bancária altamente interessante para essa finalidade, pelo Programa de Desenvolvimento da Borracha (Probor), mas logo o financiamento se esgotou e, com ele, toda a política pública que promovia e tornava viável o extrativismo de látex.

Sem ter condições de investir na plantação da seringueira, Samonek conheceu seringais nativos e descobriu que as árvores nativas e centenárias eram altamente produtivas e de baixo custo. "Eu me perguntei: por que derrubar as árvores para implantar um projeto de monocultura, se temos condições de produzir uma borracha sem nenhum investimento?"

De soldados da borracha a sentinelas da natureza

Não há como falar de economia da borracha sem lembrar de alguns descaminhos históricos que marcaram a atividade no Brasil. Dividida entre dois momentos de exploração, a extração do látex impulsionou o crescimento financeiro do País. O primeiro período foi entre os anos de 1870 e 1920, quando a borracha chegou a ser o segundo produto brasileiro mais exportado, ficando atrás apenas do café. As capitais Belém e Manaus (AM) enriqueceram às custas da exploração da mão de obra local pelos barões da borracha.

O historiador Marcio Neco afirma que durante a Segunda Guerra Mundial (1941-1945) cerca de 60 mil "soldados da borracha" - a maioria nordestinos - vieram para o Norte cheios de sonhos para viver em um ambiente de pesadelo, somente para suprir a demanda norte-americana de borracha que era usada na fabricação de pneus para aviões e outros artefatos. Esses seringais de coronéis que estabeleciam ali dívidas eternas para os seringueiros. Por isso mesmo, o estudioso ressalta: é necessário que o poder público reafirme o compromisso de reparar

o dano histórico dessas famílias e valorize os atuais sentinelas da floresta.

VOCAÇÃO NATURAL

"Cabe ao governo criar políticas públicas a partir da vocação natural desses povos, dessas famílias. Morreram mais soldados da borracha na Amazônia do que nos campos de batalha da Itália por conta de doenças, dos ataques de animais, insalubridade e baixíssimos salários. Foi a brigada mais esquecida da história da humanidade. São ribeirinhos que têm a mata como quintal da sua casa e vão ser guardiões dessa mata. Vão zelar pelo seu ganha pão", defende o historiador.

Neco reitera que a história ajuda a olhar para o passado para não repetir os erros e aprimorar o futuro. E acredita que o projeto de reativação da economia da borracha está alinhado com a necessidade de dar protagonismo aos nativos da Amazônia. "Pelo que eu vejo, o projeto do governo não vai recrutar ribeirinhos, como foi no passado, com pessoas sendo forçadas a trabalhar. Elas estão sendo capacitadas para se tornarem agentes desse processo".



A look towards the heart of the forest

In Pará, the revival of rubber extraction gained momentum with the work of a businessman from the interior of Paraná in the 1980s. Francisco Samonek landed on Amazonian soil to develop a rubber tree planting project in Tarauacá, in Acre. He says that, at the time, there was highly attractive financing opportunities by the banking network for this purpose, via the Programa de Desenvolvimento da Borracha (Probor) [Rubber Development Program], but soon the financing ran out and, along with it, all the public policy that promoted and made latex extraction viable.

Without being able to invest in rubber tree plantations, Samonek visited native rubber plantations and discov-

ered that native, centenary trees were highly productive under low-cost. "I asked myself: why cut down the trees to implement a project of monoculture, if we can produce rubber without any investment?"

TECHNOLOGY

Over time, he founded the Polo de Proteção da Biodiversidade e Uso Sustentável dos Recursos Naturais (Poloprobio), [Biodiversity Protection and Sustainable Use of Natural Resources Hub], responsible for the Seringô brand, which stands out for its footwear manufacturing process using açaí seed residue and native latex. But the big difference is that the entrepre-

neur's team has developed a social technology called Encauchados de vegetais da Amazônia [Amazonian vegetable rubber], which was certified and awarded in 2007 by the Banco do Brasil Foundation, and which improves the quality of latex so that high-value pieces can be produced, thus improving and simplifying existing rubber production processes.

Besides, another technique developed was the process of pre-vulcanizing latex, so that it can be transformed by hand in the middle of the forest, without the need for energy, into a series of products that can be sold directly by communities, especially the ones formed by female artisans.

From rubber soldiers to sentinelas of nature

It is impossible to talk about the rubber economy without remembering some of the historical mistakes that marked the activity in Brazil. Divided between two periods of exploitation, latex extraction boosted the country's financial growth. The first period was between 1870 and 1920, when rubber became the second most exported Brazilian product, behind only coffee. The capitals Belém and Manaus (AM) became rich at the expense of the exploitation of local labor by "rubber barons".

Historian Marcio Neco states that, during World War II (1941-1945), around 60 thousand "rubber soldiers" - most of them from the Northeast - came to the North full of dreams to finally live in a nightmare environment, only to meet

the North American demand for rubber that was used in the manufacture of tires for airplanes and other artifacts. These rubber plantations were already owned by colonels who established eternal debts with the rubber tappers. For this reason, the scholar emphasizes: it is necessary for the government to reaffirm its commitment to repair the historical damage to these families and to value the current sentinelas of the forest.

NATURAL CALLING

"The government should create public policies based on the natural calling of these people, these families. More rubber soldiers died in the Amazon than on the battlefields of Italy due to diseases, animal attacks,

unhealthy conditions and extremely low wages. They are the most forgotten brigade in the history of humanity. They are riverside dwellers who have the forest as their backyard and will be its guardians. They will look after their livelihood", argues the historian.

Neco reiterates that history helps us look at the past so as not to repeat mistakes and improve the future. And he believes that the project to revive the rubber economy is aligned with the need to give protagonism to the natives of the Amazon. "From what I can see, the government's project will not recruit riverside dwellers, as was the case in the past, with people being forced to work. They are being trained to become agents of this process."

NO MARAJÓ, MULHERES CRIAM PEÇAS COM A "CARA" DA NATUREZA

Na Reserva Extrativista Mapuá, às margens do rio Mapuá e do rio Aramã, no arquipélago do Marajó, cerca de 25 mulheres se dedicam desde 2010 à produção de artesanato e biojoias marajoaras sustentáveis. Elas receberam capacitação da organização Poloprobio para criar produtos com a "cara" da natureza. Entre os produtos estão a reprodução de folhas da vitória-régia e do tajá, espécies típicas da Amazônia que ganham um colorido especial nas mãos das artesãs.

A estudante Mirian Miranda é filha de uma das fundadoras do grupo. Ela explica que participantes das comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas atuam diretamente no processo de confecção das peças, que já foram vendidas em eventos dentro e fora do Pará. Além do impacto econômico, a atividade gera empatia e autoestima aos povos nativos, com o diferencial de se usufruir das riquezas naturais sem prejudicar o futuro das vidas que dependem delas.

"É gratificante a gente trabalhar com algo que é nosso e que sabemos que não vai degradar o meio ambiente. Tanto que quando a gente revende as peças eu falo para as nossas clientes: 'quando vocês se cansarem, podem jogar fora no lixo e na floresta porque não vai poluir o local'. Isso é uma grande conquista para a gente. Saber que o que a gente vende contribui para que não haja mais lixo e degradação do meio ambiente", avalia Mirian.

CONEXÃO

Hoje, os seringueiros vivem um momento diferenciado de extração, cuja preparação da borracha ocorre dentro de casa, com produtos usados no dia a dia, como a água sanitária, que permite que a massa já saia limpa para o destino final. Além disso, eles não precisam aguardar até três dias para voltar ao local onde estão as estradas de seringueiras (cerca de 100 árvores em sequência).

Para Valcir, voltar a coletar látex é como estabelecer conexão com a mãe que morreu, aquela que o colocava na rede para poder trabalhar, e que ensinou a ele o valor de todas vidas preservadas. "Enquanto puder, eu quero continuar trabalhando aqui. Hoje eu posso chegar numa árvore que a minha mãe já tocou e agora eu posso tocar, porque eu ajudo a manter a floresta de pé".



Oseringueiro Valcir Rodrigues extrai o sustento da família e guarda boas lembranças de uma infância às margens do igarapé Caju, no rio Alto Anajás

Rubber tapper Valcir Rodrigues earns his family's living and has fond memories of his childhood on the banks of the Caju creek, on the Alto Anajás River



In Marajó, women create pieces that reflect nature

In the Mapuá Extractive Reserve, on the banks of the Mapuá and Aramã rivers, in the Marajó archipelago, around 25 women have dedicated themselves to producing sustainable Marajó crafts and biojewels since 2010. They've been trained by Poloprobio to create products that reflect nature. Among the products are reproductions of leaves from the Victoria Regia and the Tajá, typical species of the Amazon that gain a special color in the hands of the artisans.

Student Mirian Miranda is the daughter of one of the group founders. She explains that participants from riverside, quilombola and indigenous communities are directly involved in the process of making the pieces, which have already been sold at events in and outside Pará. In addition to the economic impact, the activity generates empathy and self-esteem among native peoples, with the advantage of enjoying natural resources without harming the future of the lives that depend on them.

"It's fulfilling to work with something that's ours, and that we know won't harm the environment. So much so that when we sell the pieces, I

tell our customers: 'When you get tired of them, you can throw them in the trash or in the forest because they won't pollute the place.' This is a great achievement for us. Knowing that what we sell contributes to preventing more trash and environmental degradation," says Mirian.

CONNECTION

Today, rubber tappers are experiencing a different extraction era, when rubber is prepared at home, using everyday products such as bleach, which allows the pulp to be sent clean to its destination. In addition, they do not have to wait up to three days to return to the place where the rubber roads are located (around 100 trees in a row).

For Valcir, going back to collecting latex is like establishing a connection with his deceased mother, the one who put him in the hammock so she could work, and the one who taught him the value of preserving all lives. "As long as I can, I want to continue working here. Today I can reach a tree that my mother once touched and now I can touch it, because I help keep the forest standing."



"É gratificante trabalhar com algo que é nosso e que sabemos que não vai degradar o meio ambiente", diz Mirian Miranda

"It's fulfilling to work with something that's ours, and that we know won't harm the environment", says Mirian Miranda



PARCERIA INSTITUCIONAL

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemioses.

INSTITUTIONAL PARTNERSHIP

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multifaces and multisemiotics.